

APLICAÇÃO DA CRÍTICA TEXTUAL A TEXTOS CIENTÍFICOS COMO O DE *PRINCÍPIOS DE LINGÜÍSTICA GERAL*, DE MATTOSO CÂMARA JR.

Nilda Cabral

O pressuposto que norteou a proposta de preparação e organização de uma edição crítica e comentada de *Princípios de Lingüística Geral*, de Matoso Câmara Jr. foi o de que a aplicação do método e das técnicas da Crítica Textual a textos não literários, como os textos de natureza científica, não só figura entre suas tarefas fundamentais, mas também confirma seu papel interdisciplinar entre as ciências. Valendo-se delas para a consecução do seu objetivo final de editoração crítica, a elas oferece esse seu produto derradeiro, como uma nova e instigante fonte para investigações particulares e específicas.

A sistematização filológica proposta, que registra rigorosamente as muitas modificações textuais nitidamente apreensíveis no percurso editorial de *Princípios*, se por um lado favorecerá a compreensão da evolução do pensamento lingüístico de Matoso Câmara, por outro, em virtude do papel privilegiado que o autor e sua obra ocupam na bibliografia de língua portuguesa das ciências da linguagem, contribuirá certamente de forma ímpar para a compreensão e o registro mais exatos das condições concretas da origem e divulgação acadêmica dos princípios da lingüística geral entre nós e da renovação que promoveu nos estudos e no ensino da nossa gramática.

Tal projeto, idealizado por Maximiano de Carvalho e Silva, surgiu em um contexto de ensino e pesquisa particularmente privilegiado, resultado de sua iniciativa acadêmica pioneira, ousada e renovadora de promover a inclusão da Filologia entendida no sentido restrito de Crítica Textual/ Ecdótica. – ao lado da Lingüística e da Teoria da Literatura –, como matéria básica no currículo de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Já no de 1973, como responsável por um plano de organização de edições críticas de José de Alencar, que vinham sendo publicadas pela Melhoramentos, registrava o professor Maximiano de Carvalho e Silva, na apresentação de sua edição do romance *Tiú*:

Mais uma – a terceira – das edições críticas de JOSÉ DE ALENCAR que preparamos, temos agora o prazer de apresentar aos leitores, graças ao notável empreendimento de Edições Melhoramentos. E assim

vai-se cumprindo aos poucos a promessa de oferecer aos estudiosos, em excelente apresentação gráfica, os textos fidedignos da obra alencarina, em que poderão basear-se com toda a segurança as investigações sobre a língua e o estilo do grande romântico.

As experiências anteriores de fixação dos textos de **Ubirajara** e **O Sertanejo** nos foram sumamente proveitosas. Os dados que colhemos, e mais o levantamento de formas e expressões de interesse especial em vários romances do mesmo autor, feito pela equipe de colaboradores nossos do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, já nos proporcionaram visão bem mais ampla, que permitiu solucionar com tranqüilidade muitos difíceis problemas, alguns dos quais imaginávamos insolúveis. Prosseguem – e não poderia ser de outro modo – as nossas pesquisas e o trabalho do estabelecimento de outros textos. Nossa esperança é que a equipe de pesquisadores que orientamos – cada vez mais numerosa – abrevie as conclusões, cuja publicação poderá contribuir para inúmeros estudos especiais, como os relativos à língua literária no século XIX. (SILVA, 1973: 7-8)

Essa equipe de pesquisadores iria se ampliar de forma ímpar a partir de 1976, quando passou a absorver os alunos do curso de graduação de Letras dessa universidade¹ – matriculados regularmente na nova disciplina Filologia Portuguesa (entendida como Crítica Textual) – o que conferiu um novo contorno institucional a essa linha de pesquisa filológica, já com uma tradição na UFF.

Integrante dessa equipe a partir de 1980, quando passei a fazer parte do quadro de docentes – com professora concursada em Crítica Textual, no primeiro concurso dessa disciplina realizado em nossas instituições de Ensino Superior –, participei do projeto da edição de *Princípios* que, no entanto, foi interrompido, como trabalho de equipe, ainda na fase incipiente da colação dos textos.

Autorizada por seu idealizador, dei continuidade ao trabalho e, sempre tendo-o como interlocutor generoso, entusiasmado e inspirado, pude contar com suas inestimáveis sugestões para apresentar um projeto reformulado, como proposta de tese de doutoramento na Universidade de São Paulo, a ser defendida sob a orientação da professora Elza Miné da Rocha e Silva.

Ao efetuarmos a recensão desse *corpus* matosiano, a busca de manuscritos revelou-se infrutífera. Por outro lado, nossas investigações confirmaram a

¹ Digna de nota, dentre as edições preparadas por Maximiano de Carvalho e Silva com a colaboração de alunos de Letras da Universidade Federal Fluminense, é a de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco (Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura / Porto: Lello & Irmãos, 1983).

trajetória editorial de *Princípios* já estabelecida por Carlos Eduardo Falcão Uchôa, nos seus *Dispersos* de Matoso Câmara (UCHÔA, 1972: xxv-xxvii): há cinco publicações² em vida do autor, todas por ele validadas, não havendo motivos para não atribuí-las à sua inteira responsabilidade. Entretanto, nosso desconhecimento da existência de manuscritos não afastava a possibilidade de existirem os chamados ‘exemplares de trabalho’³, isto é, exemplares de edição anterior que o autor utiliza para fazer à mão as modificações que deseja incluir na edição seguinte a ser publicada, configurando-se este exemplar anotado como um novo manuscrito, que passa a valer como original da edição que o filólogo tem em vista. No caso deste texto de Matoso Câmara, conjecturamos terem existido originais dessa natureza, uma vez que, de edição para edição, retomou sistematicamente o texto de *Princípios* para modificá-lo com substituições, acréscimos, supressões e deslocamentos que deram a cada edição uma feição particular e única. Nada encontrando que se caracterizasse como tais exemplares, restou-nos examinar, nesse estágio de pesquisa do *corpus* do texto matosiano, unicamente a tradição impressa.

A colação das doze *Lições* publicadas na *Revista de Cultura* e das quatro edições em livro de *Princípios* revelou, logo nos primeiros confrontos, importantes diferenças entre essas cinco publicações. Confirmadas as divergências e as similitudes no cotejo sistemático de todos os textos, chegou-se ao estabelecimento de um estema rigorosamente linear – **A** (*Lições – 1939-40*) → **B** (*1ª ed. – 1941*) → **C** (*2ª ed. – 1954*) → **D** (*3ª ed – 1959*) → **E** (*4ª ed. – 1964*) – e ‘a constatação de que as mudanças maiores ocorreram na passagem da publicação em revista para a 1ª edição em livro (**B** – 1941) (embora **A** e **B** sejam

² Na organização da edição crítica de *Princípios de Lingüística Geral*, foram cotejados os textos que apresentamos a seguir precedidos das letras maiúsculas com que os designamos no nosso estudo:

A – Fascículos de 146 a 163 de Lições de Lingüística Geral: 1939 e 1940. Professadas na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, de setembro de 1938 a janeiro de 1939, publicadas na *Revista de Cultura*, no Rio de Janeiro.

B – 1ª edição: 1941. Edição de F. Brigueit Editores, impressa pela Gráfica Sauer, no Rio de Janeiro.

C – 2ª edição: 1954. Edição da Livraria Acadêmica, impressa pela Gráfica Olímpica, no Rio de Janeiro.

D – 3ª edição: 1959. Edição da Livraria Acadêmica, impressa na Compositora Gráfica Lux, no Rio de Janeiro.

E – 4ª edição: 1964. Edição da Livraria Acadêmica, impressa pela Gráfica Olímpica, no Rio de Janeiro.

³ Organizamos os quadros apresentados inspirando-nos na sistematização proposta por Luiz Fagundes Duarte para um manuscrito de *A capital!*, em censura e auto-censura nos manuscritos de Eca de Queiroz (1977 217-231).

bastante próximas), da 1ª edição para a 2ª (1954) e, finalmente, da 2ª edição para a 3ª (**D** – 1959), apresentando **D** e **E** (1964) pouquíssimas divergências textuais.

Variantes textuais de *Princípios*: uma breve amostragem

Uma vez já verificadas as características de autenticidade das cinco publicações, o exame de suas relações estemáticas confirmou como *texto definitivo* de *Princípios*, o texto *ne varietur*, o último publicado em vida do autor – **E** (4ª edição – 1964) –, eleito como o texto de base de nossa edição crítica.

O cotejo dessas edições revelou ainda configurar-se em cada uma delas um ânimo autoral diferente, pois em nenhuma se repete integralmente o texto da anterior. O registro de suas variantes – resultantes dos procedimentos autorais canônicos de substituição, acréscimo, supressão e deslocamento – permite depreender pelo menos duas vertentes de mudança: de um lado, aquela em se observam alterações efetuadas na própria estrutura da obra (depreensíveis no cotejo das partes, seções e capítulos, dos títulos e subtítulos, do sistema de notas); de outro lado, as que se dão no texto propriamente dito e que revelam alterações na redação ou no conteúdo teórico da matéria tratada.

Com o propósito de exemplificar essas duas vertentes de mudanças textuais, apresentaremos a seguir alguns quadros⁴ que permitem visualizar de forma nítida essas etapas de construção do texto de *Princípios*, resultantes de uma espécie de redação pública da obra a que seu autor a submeteu.

Primeiramente, nos Quadros 1 e 2, ilustramos a variação dos títulos e subtítulos dos índices, o que permite examinar supressões, inclusões, exclusões e deslocamentos que redesenham a ‘tabua’ das matérias tratadas:

⁴ V. LOPES, Telê Porto Ancona. Textos, etapas, variantes: o itinerário da escritura (1990, p. 149).

Quadro 1: Variação dos títulos

A (Lições) (1939-40)	1ª B (1941)	2ª C (1954)	3ª D (1959) / 4ª E (1964)
[Não há] Lições...I	I- Conteúdo e Escopo da Linguística	I- Conteúdo e Escopo da Linguística	I- Linguística: seu Objeto II- Linguística: suas Modalidades
[Não há]	III- Os Fonemas ou Unidades da Fonação	III- Os Fonemas ou Unidades da Fonação	III- Os Fonemas ou Unidades da Fonação
Lições...II	IV- As Unidades da Língua	V- As Unidades Significativas	V- As Unidades Significativas
Lições...IV	VI- As Categorias Gramaticais	VI- O Estudo das Significações Linguísticas	VII- As Significa- ções Linguísticas
Lições... V	VII- A Categoria de Gênero	VII- A Categoria de Gênero	VIII- Uma Categoria Nomi- nal: o Gênero
Lições. VI	VIII- A Categoria de Aspecto	VIII- A Categoria de Aspecto	IX- Uma Categoria Verbal: o Aspecto

Quadro 2: Variação dos subtítulos

2ª. edição (1954)

3ª.edição(1959)/4ª.edição(1964)

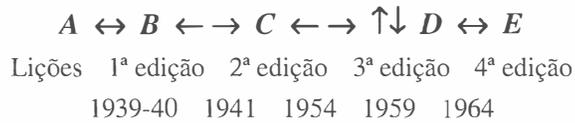
II. OS FONEMAS OU UNIDADES DA FONACÃO		III. OS FONEMAS OU UNIDADES DA FONACÃO	
12. Os fonemas	35	↔	20. Os fonemas 48
13. Os estudos fonéticos	38	→	21. O estudo fonético 52
14. Os traços sônicos	39	→	22. Os traços fônicos 55
16. O sistema de fonemas e as variantes	44	↔	24. O sistema de fonemas e as variantes 60
17. A transcrição fonética	46	←	
18. Classificação dos fonemas	47	↔	Classificação dos fonemas 61

2ª. edição (1954)			3ª.edição(1959)/4ª.edição(1964)	
V. AS UNIDADES SIGNIFICATIVAS			V. AS UNIDADES SIGNIFICATIVAS	
30. As unidades significativas	73	↔	42. As unidades significativas	90
31. Relação entre os vocábulos e as formas mínimas	75	→	43. O vocábulo	93
32. A análise lingüística	76	→	44. A apreensão das formas mínimas	94
VI. O ESTUDO DAS SIGNIFICAÇÕES LINGÜÍSTICAS		→	VII. AS SIGNIFICAÇÕES LINGÜÍSTICAS	
40. Conceito da semântica	93	↔	56. Conceito da (3ª.) / de (4ª.) semântica	113
41. A semântica descritiva	94	↔	57. A semântica descritiva	114
42. As categorias gramaticais	96	→	58. O campo semântico	118
		↔	59. As categorias gramaticais	119
VII. A CATEGORIA DE GÊNERO		→	VIII. UMA CATEGORIA NOMINAL: O GÊNERO	
46. Os conceitos de masculino e feminino	107	↔	64. Os conceitos de masculino e feminino	130
47. A oposição de gênero para as coisas inanimadas	108	→	65. O gênero em sentido lato	131
48. A explicação mórfica para o gênero indo-europeu	110	→	66. O gênero nas línguas indo-européias	132
49. O gênero neutro	110	↔	67. O gênero neutro	134
50. Interpretação primitiva dos gêneros masculino e feminino	112	↔	68. Interpretação primitiva do gênero masculino e feminino	136
51. As classes nominais em geral	114	→	69. Gênero tripartido e gênero bipartido	137
VIII. A CATEGORIA DE ASPECTO		→	IX. UMA CATEGORIA VERBAL: O ASPECTO	
52. As categorias verbais	117	←	71. O tempo nos verbos	140
53. Aspecto e tempo	118	→	72. O aspecto	141
54. Classificação dos aspectos	120	↔	73. Classificação dos aspectos	142

* Foram reproduzidos os subtítulos da 4ª edição (1964).

A segunda vertente de mudança, relativa ‘as alterações introduzidas por Matoso no texto propriamente dito de *Princípios*, encontra-se a seguir ilustrada no Quadro 3, que reproduz os textos de alguns segmentos do capítulo *Uma Categoria Verbal: o Aspecto*, conforme figuram nas cinco publicações de *Princípios*: a da *Revista de Cultura* (A – 1939-40) e as das quatro edições em livro (1ª ed. – 1941, 2ª ed. – 1954, 3ª ed. – 1959 e 4ª ed. – 1964).

Neste quadro os textos foram seccionados obedecendo-se à correlação que a matéria neles tratada tem com os parágrafos da 4ª edição, e foram também assinalados os procedimentos do autor de *manutenção* (\leftrightarrow), *eliminação* (\leftarrow) e *acrécimo* (\rightarrow) e *deslocamento* ($\uparrow\downarrow$) da matéria, que revelam o seguinte movimento do texto:



Quadro 3: Capítulo IX – Uma categoria verbal: o aspecto

<i>Lições – 1939-1940</i>		1ª. edição - 1941		2ª. edição - 1954		3ª.edição-1959 / 4ª.edição -1964
<p>Lições de Linguística Geral (professadas na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, de Setembro de 1938 a Janeiro de 1939)</p>	<p>Título alterado → Subtítulo acrescentado →</p>	<p>JOAQUIM <u>MATTOSO CAMARA JR.</u></p> <p>PRINCÍPIOS DE LINGUISTICA GERAL como fundamento para os estudos superiores de língua portuguesa</p> <p>F. BRIGUIET & CIA. – Editores Rua do Ouvidor, 109-Rio de Janeiro 1941</p>	<p>↔ Substituto alterado →</p>	<p><u>BIBLIOTECA BRASILEIRA DE FILOLOGIA Nº5</u></p> <p>J. MATTOSO CAMARA JR. DA UNIVERSIDADE DO BRASIL</p> <p>Princípios de Linguística Geral Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa</p> <p>2.ª EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA</p> <p>LIVRARIA ACADÊMICA RUA MIGUEL COITO, 49 –RIO DE JANEIRO 1954</p>	<p>↔ ↔</p>	<p><u>BIBLIOTECA BRASILEIRA DE FILOLOGIA</u></p> <p>J. MATTOSO CÂMARA JR. (DA UNIVERSIDADE DO BRASIL)</p> <p>Princípios de Linguística Geral Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa</p> <p>[3.ª EDIÇÃO / 4.ª EDIÇÃO] REVISTA E AUMENTADA</p> <p>LIVRARIA ACADÊMICA RIO DE JANEIRO [1959 / 1964]</p>
<p><i>A (1939-1940)</i> <i>[12 fascículos – Revista de Cultura]</i></p>		<p><i>B (1941)</i> <i>[1ª. edição em livro]</i></p>		<p><i>C (1954)</i> <i>[2ª. edição]</i></p>		<p><i>D (1959) / E (1964)</i> <i>[3ª. Edição] / [4ª. Edição]</i> <i>(texto-de-base)</i></p>
<p>VI</p>	<p>Título acrescentado →</p>	<p>VIII A CATEGORIA DE ASPECTO</p>	<p>↔</p>	<p>VIII A CATEGORIA DE ASPECTO</p>	<p>Título alterado →</p>	<p>IX UMA CATEGORIA VERBAL: O ASPECTO</p>
			<p>Substituto acrescentado →</p>	<p>53. Aspecto e tempo.</p>	<p>Substituto alterado →</p>	<p>[Sub.] 71. O tempo nos verbos.</p>

Lições – 1939-1940		1ª. edição - 1941		2ª. edição - 1954		3ª.edição-1959 /4ª.edição -1964
<p>Nas línguas dos povos primitivos do presente e do passado, a noção dominante que rege a distribuição das formas verbais é a que os linguistas alemães denominaram AKTIONSART, o que em francês e alhures se traduz por ASPETO, ou seja, a maneira quanto à duração por que se apresenta o processo verbal independentemente da ÉPOCA ou TEMPO de ocorrência. Distingue-se, por exemplo, uma ação que <i>principia</i>, como em <i>partir</i>, uma que <i>termina</i>, como em <i>chegar</i>, uma que se desdobra sem alusão ao início ou ao fim, como em <i>andar</i>, <i>viajar</i>, uma que se repete, como em <i>saltar</i>, etc.</p>	↔	<p>Nas línguas dos povos primitivos do presente e do passado, a noção dominante que rege a distribuição das formas verbais é a que os linguistas alemães denominaram AKTIONSART, o que em francês e alhures se traduz por ASPECTO, ou seja, a maneira, quanto à duração, por que se apresenta o processo verbal, independentemente da ÉPOCA ou TEMPO de ocorrência. Distingue-se, por exemplo, uma ação que <i>principia</i>, como em <i>partir</i>, uma que <i>termina</i>, como em <i>chegar</i>, uma que se desdobra sem alusão ao início ou ao fim, como em <i>andar</i>, <i>viajar</i>, uma que se repete, como em <i>saltar</i>, etc.</p>	↔	<p>Em muitas línguas – e especialmente nas de povos primitivos do presente e do passado –, a noção dominante que rege a distribuição das formas verbais, é a que os linguistas alemães denominaram AKTIONSART, isto é – <i>maneira de ser da ação</i>. Em português, a exemplo da nomenclatura francesa e inglesa, traduz-se o termo alemão por ASPECTO. Trata-se, com efeito, do aspecto por que se apresenta o processo verbal, do ponto de vista da sua duração. Distingue-se, por exemplo, uma ação que <i>principia</i>, como em <i>partir</i>, uma que <i>termina</i>, como em <i>chegar</i>, uma que se desdobra sem alusão ao início ou ao fim, como em <i>andar</i>, <i>viajar</i>, uma que se repete, como em <i>saltar</i>, etc.</p>	<p>Texto deslocado ↓ (§ 4)</p>	
<p>De maneira aproximada, podemos fazer idéia de um conjunto verbal numa língua dessas, imaginando, entre nós, um verbo cujas formas de conjugação fossem <i>partir</i>, <i>andar</i> e <i>chegar</i>, isto é, que tivessem respectivamente os ASPECTOS INCEPTIVO, CURSIVO e CESSATIVO, por exemplo.</p>	↔	<p>De maneira aproximada, podemos fazer idéia de um conjunto verbal numa língua dessas, imaginando, entre nós, um verbo cujas formas de conjugação fossem <i>partir</i>, <i>andar</i> e <i>chegar</i>, isto é, que tivessem respectivamente os ASPECTOS INCEPTIVO, CURSIVO e CESSATIVO, por exemplo.</p>	↔	<p>De maneira aproximada, podemos fazer idéia de um conjunto verbal numa língua dessas, imaginando, entre nós, um verbo cujas formas de conjugação fossem <i>partir</i>, <i>andar</i> e <i>chegar</i>, isto é, que tivessem os aspectos INCEPTIVO, CURSIVO e CESSATIVO, respectivamente, por exemplo.</p>	<p>Texto deslocado ↓ (§ 5)</p>	
<p>É de máxima importância disjuntar essa noção de ASPETO da de TEMPO, ou época em que se passa o processo verbal <i>marcada em relação ao momento em que se fala</i>. O tempo, assim compreendido, é o eixo das conjugações verbais nas línguas ocidentais modernas com que estamos familiarizados, e parece-nos por isso, à primeira vista, a própria alma do verbo, cujo nome nas gramáticas alemãs é até, expressivamente, <i>vocabulo temporal</i> (<i>Zeitwort</i>).</p>	↔	<p>É de máxima importância disjuntar essa noção de ASPETO da de TEMPO, ou época em que se passa o processo verbal <i>marcada em relação ao momento em que se fala</i>. O tempo, assim compreendido, é o eixo das conjugações verbais nas línguas ocidentais modernas com que estamos familiarizados, e parece-nos por isso, à primeira vista, a própria alma do verbo, cujo nome nas gramáticas alemãs é até, expressivamente, <i>vocabulo temporal</i> (<i>Zeitwort</i>).</p>	↔	<p>É de máxima importância disjuntar essa noção de ASPETO da de TEMPO, com que estamos mais habituados nas nossas línguas ocidentais modernas.</p> <p>O TEMPO marca, como o seu nome indica, o tempo, ou época, da ocorrência do processo verbal em relação ao momento em que se fala "Uma noção temporal dessa espécie" – comenta o linguista francês Marcel Cohen – "é subjetiva: só tem sentido para o sujeito falante, que concebe o tempo de maneira abstrata, como uma linha ideal, e aí traça divisões em relação a si mesmo: o que está por trás dele (no momento em que fala), o passado; o que está ante ele neste momento preciso, o presente; o que está adiante dele, o futuro" (XXXXV – 13). O tempo, assim compreendido, é o eixo das conjugações verbais nas línguas românicas e germânicas modernas, com que estamos familiarizados. Parece-nos, por isso, à primeira vista, a própria alma do verbo, cujo nome nas gramáticas alemãs é até, expressivamente, "vocabulo temporal" (al <i>Zeitwort</i>).</p>	<p>↔</p> <p>§ 1</p> <p>§ 2</p> <p>↔</p>	<p>No âmbito dos verbos, isto é, das palavras que exprimem elementos do mundo objetivo, destacados na expressão linguística, como processos em desenvolvimento (cf. cap. X), estamos principalmente habituados com a categoria de TEMPO.</p> <p>Ela marca, como o seu nome indica, o tempo, ou época, da ocorrência do processo verbal em relação ao momento em que se fala. "Uma noção temporal dessa espécie" – comenta o linguista francês Marcel Cohen – "é subjetiva: só tem sentido para o sujeito falante, que concebe o tempo de maneira abstrata, como uma linha ideal, e aí traça divisões em relação a si mesmo: o que está por trás dele (no momento em que fala), o passado; o que está ante ele neste momento preciso, o presente; o que está adiante dele, o futuro" (Cohen, 1924 B, 13). O tempo assim compreendido é o eixo das conjugações verbais nas línguas românicas e germânicas modernas com que estamos familiarizados. Parece-nos, por isso, à primeira vista, a própria alma do verbo, cujo nome nas gramáticas alemãs é até, expressivamente, "vocabulo temporal" (al <i>Zeitwort</i>).</p> <p>Ressalvase, aliás, como foi assinalado há</p>

					<p>Texto acrescentado →</p>	<p>§ 3</p>	<p>pouco, que mesmo aí a categoria de TEMPO, de funcionamento mais puro e mais amplo, repousa essencialmente na dicotomia PASSADO: PRESENTE, exprimindo-se no presente os fatos vindouros em que não há uma tonalidade modal, como exemplificamos acima com o port. – <i>vou amanhã</i> (cf. § 60). O desta que de um FUTURO lidinamente temporal realizou-se tardiamente como uma elaboração da língua culta, que ainda hoje dificilmente encontra guarida na língua coloquial. Por isso, perdeu-se o futuro em romance por sua falta de emprego no latim vulgar, onde só se usava um futuro volitivo ou obrigatório (cf. <i>cantare habeo</i>, equivalente de início ao nosso – <i>hei#e cantar</i>).</p>
					<p>Subtítulo acrescentado →</p>	<p>[Sub.]</p>	<p>72. O aspecto.</p>
					<p>↑ Texto deslocado</p>	<p>§ 4</p>	<p>Já em muitas outras línguas – que refletem outras culturas do presente e do passado –, a noção dominante que rege a distribuição das formas verbais, é a que os linguistas alemães denominaram AKTIONSART, isto é – <i>maneira de ser da ação</i>. Em português a exemplo da nomenclatura francesa e inglesa, traduz-se o termo alemão por ASPECTO. Trata-se, com efeito, do aspecto por que se apresenta o processo verbal, do ponto de vista da sua <i>duração</i>. Distingue-se, por exemplo, uma ação que principia, como em <i>partir</i>, uma que termina, como em <i>chegar</i>, uma que se desdobra sem alusão ao início ou ao fim, como <i>andar</i>, <i>viajar</i>, uma que se repete, como em <i>saltitar</i> etc.</p>
					<p>↑ Texto deslocado</p>	<p>§ 5</p>	<p>De maneira aproximada podemos fazer ideia de um conjunto verbal numa língua dessas, imaginando, entre nós, um verbo cujas formas de conjugação fossem <i>partir</i>, <i>andar</i> e <i>chegar</i>, isto é, que tivesse os aspectos INCEPTIVO, CURSIVO e CESSATIVO, respectivamente, por exemplo.</p>

<p>Para a linguística geral, porém, a <i>categoria de tempo</i> não está necessariamente ligada à <i>categoria de aspeto</i>, que normalmente a precede na evolução linguística; de tal sorte que MEILLET assinala a passagem da noção verbal de aspeto, para a noção verbal de tempo, como um PROGRESSO LINGÜÍSTICO, porquanto evidencia a adaptação da língua à evolução da mentalidade coletiva na sua marcha para as <i>concepções gerais abstratas</i>, entre as quais o <i>tempo</i> assume valor todo especial, bem ressaltado pela preocupação que tem dado às diversas escolas de metafísica. Muito outro é o pensamento do homem primitivo, a quem não se apresenta a idéia de evolução e progresso, e cuja vida individual e social só oferece caracteres estáticos, bem visíveis na tendência a não separar os sucessos míticos dos históricos e uns e outros dos de ocorrência cotidiana, como têm patenteado as análises da etnologia contemporânea. Nessas condições, a distinção entre presente, passado e futuro fica mais ou menos na sombra, para ceder em importância aos caracteres intrínsecos do processo verbal em si, conforme assinalado em seu início, em seu fim, etc.</p>	↔	<p>Para a linguística geral, porém, a <i>categoria de tempo</i> não está necessariamente ligada à <i>categoria de aspeto</i>, que normalmente a precede na evolução linguística; de tal sorte que MEILLET assinala a passagem da noção verbal de aspeto, para a noção verbal de tempo, como um PROGRESSO LINGÜÍSTICO, porquanto evidencia a adaptação da língua à evolução da mentalidade coletiva na sua marcha para as <i>concepções gerais abstratas</i>, entre as quais o <i>tempo</i> assume valor todo especial, bem ressaltado pela preocupação que tem dado às diversas escolas de metafísica. Muito outro é o pensamento do homem primitivo, a quem não se apresenta a idéia de evolução e progresso, e cuja vida individual e social só oferece caracteres estáticos, bem visíveis na tendência a não separar os sucessos míticos dos históricos, e uns e outros dos de ocorrência cotidiana, como têm patenteado as análises da etnologia contemporânea. Nessas condições, a distinção entre presente, passado e futuro fica mais ou menos na sombra, para ceder em importância aos caracteres intrínsecos do processo verbal em si, conforme assinalado em seu início, em seu fim etc.</p>	Texto eliminado ←				
			Texto acrescentado →	<p>Para a linguística geral, porém, a categoria de ASPECTO não está necessariamente ligada a esse tempo subjetivo, ou "situado", para usar mos o qualificativo de Marcel Cohen (XXXV – 13) (66). O mesmo linguísta mostra, a propósito, "a dificuldade que se sente em fazer corresponder o que se chama <i>tempo</i> em semítico com os <i>tempos</i> das nossas gramáticas" (XXXV – 14). Assim, o PERFEITO semítico indica a ação acabada (cf o nosso exemplo anterior com o verbo <i>chegar</i>) e uma tradução superficial logo o associa com o nosso tempo pretérito; mas, em virtude de ser uma categoria de aspeto, intrinsecamente distinta de qualquer idéia de presente e passado, vemo-lo usado em provérbios para indicar o processo conclusivo, quando entre nós se imporia o presente: "o rico e o pobre se encontram", (perfeito em hebraico) "faz a todos Deus" (XXXV – 29) (67).</p>	↔	§ 6	<p>A categoria de ASPECTO não está necessariamente ligada ao tempo subjetivo ou "situado", para usarmos o qualificativo de Marcel Cohen (Cohen, 1924 B, 13). O mesmo linguísta mostra, a propósito, "a dificuldade que se sente em fazer corresponder o que se chama <i>tempo</i> em semítico com os <i>tempos</i> das nossas gramáticas" (Idem, 14). Assim, o PERFEITO semítico indica a ação acabada (cf. o nosso exemplo anterior com o verbo <i>chegar</i>) e uma tradução superficial logo o associa com o nosso tempo pretérito; mas, em virtude de ser uma categoria de aspeto, intrinsecamente distinta de qualquer idéia de presente e passado, vemo-lo usado em provérbios para indicar o processo conclusivo, quando entre nós se imporia o presente: "o rico e o pobre se encontram", (perfeito em hebraico) "faz a todos Deus" (Cohen, 1924 B, 29) :</p>

Alguns comentários finais

O exame das mudanças introduzidas em *Princípios*, das quais apresentamos aqui apenas uma brevíssima amostragem, permitem algumas considerações sobre o processo de construção dessa obra. A variante surge principalmente quando Matoso Câmara empreende a busca do fundamento teórico atualizado: as modificações operadas no texto de uma edição para outra mostram um autor em sintonia com o avanço das pesquisas lingüísticas fora do Brasil e com a preocupação pedagógica de dominar as proposições de diferentes autores para fazê-las objeto de conhecimento e reflexão de seus leitores. E isto acompanhado do esforço de apuração, de refinamento do discurso teórico de forma a reduzir a polissemia dos termos e formulações e torná-los mais claros porque mais rigorosos e precisos, mais didaticamente encadeados.

Assim, a configuração de cada edição – especialmente a da 1ª (1941), da 2ª (1954) e da 3ª (1959) – registra a verdade textual e editorial de estágios distintos do pensamento lingüístico de Mattoso Câmara e da cientificidade de seu texto. A cada retomada do texto, que já adquirira ele próprio o *status* de obra de referência, o seu autor auto-constitui-se como interlocutor e convoca para esse diálogo com o texto já escrito um novo conjunto de autores e idéias, com os quais plasma o novo texto à custa das substituições, acréscimos, eliminações e deslocamentos. E desta rede de modificações, gerada no entrelaçamento desses processos, surge a nova versão que, por sua vez, dará forma lingüística à reflexão teórica de Mattoso Câmara naquele momento da sua história de pesquisador da ciência que abrigava suas investigações, a Lingüística Geral.

Neste *Princípios de Lingüística Geral* não formulou, certamente, um corpo de doutrina. Mas esse não era o seu propósito declarado. Queria, na verdade, escrever um ‘compêndio’, conforme registra no prefácio à 2ª. edição, um resumo de doutrinas que divulgasse e reverberasse as idéias lingüísticas que vigoravam nos grandes centros acadêmicos europeus e norte-americanos de sua época.

Disposto a fazer de seu texto de *Princípios* um lugar por excelência dessa divulgação pedagógica pioneira – de que se nutriu largamente a academia brasileira – não hesitou em modificá-lo de uma edição para outra, incluindo variantes que atestam o seu empenho de atualização teórica, que se faz acompanhar das mudanças que julgava necessárias para apurar o caráter científico da sua linguagem, na direção da clareza e do rigor da exposição e do encadeamento de seu pensamento lingüístico.

Daí o grande viés da mudança ser o desdobramento, a explicitação que se dá desde o nível maior da organização do texto, até à minúcia da mudança

lexical. Nesse movimento de variação, reformula e redimensiona a organização dos capítulos, faz surgirem títulos e subtítulos, redesenha os parágrafos, deles desentranhando idéias-núcleos de natureza teórica, ao mesmo tempo que refina o texto nas instâncias da pontuação, da sintaxe, das formas lexicais.

E o texto todo se move: um capítulo se desdobra em capítulos, que fazem surgir novos títulos, segmentos inteiros se reordenam e determinam a criação de subtítulos, que também irão, por sua vez, se desdobrar em novos subtítulos; um parágrafo gera vários parágrafos, uma frase se multiplica em frases e uma palavra em novas palavras.

Instaura-se, assim, um ritmo de mudança que revela a pulsação latente do texto, nas suas diferentes retomadas, mas sempre na direção da reelaboração e da apresentação de um texto científico-didático preciso e atualizado. E esse percurso teórico de Matoso Câmara reverbera, em larga medida, o percurso da Lingüística no Brasil, no âmbito da pesquisa pura e da pesquisa voltada para o estudo e o ensino da gramática da língua portuguesa.

Concordamos com o professor Silvio Elia⁵ quando considera ter *Princípios de Lingüística Geral* cumprido seu destino: aquele de compêndio didático divulgador das grandes doutrinas lingüísticas de sua época. No nosso entender tudo se passa como se, assumindo essa instância referencial como uma marca desse seu texto, Matoso Câmara estivesse se assenhorando dos princípios básicos da lingüística geral para, numa etapa posterior, proceder à sua aplicação à língua portuguesa, projeto que deixou anunciado em *Estrutura da Língua Portuguesa* e que resultou inacabado, com sua morte prematura.

Referencias bibliográficas

ALENCAR, José de. **Til**. Edição crítica por Maximiano de Carvalho e Silva. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Amor de perdição**. Edição crítica por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura; Porto: Lello & Irmão, 1983.

DUARTE, Luiz Fagundes. Censura e auto-censura nos manuscritos de Eca de Queiroz. **Varia Escrita** – Caderno de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais, Sintra, n. 4, p.217-231, 1997.

ELIA, Silvio. Notícia sobre os *Princípios de Lingüística Geral*. In CAMARA JR., J. Matoso. **Princípios de lingüística geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão: 1977.

⁵ V. o prefácio de Silvio Elia a 5ª. edição de *Princípios de Lingüística Geral*, intitulado Notícia sobre os *Princípios de Lingüística Geral* (1977).

- GENETTE, Gerard. **L'instance préfacielle**. Paris: Ed. du Seuil, 1987.
- GODEL, Robert. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale**. Genève: Droz, 1969.
- GREIMAS, A. J. LANDOWSKI, E. **Análise do discurso em ciências sociais**. São Paulo: Global, 1986.
- LOPES, Telê Porto Ancona. Textos, etapas, variantes: o itinerário da escritura. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 31, p. 147-59, 1990.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Edição crítica de Rudolf Engler. Alemanha, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968.
- SILVA, Maximiano de Carvalho e. Organização e publicação das obras completas de José de Alencar. **Linguagem** – Revista do Instituto de Letras da Univ. Federal Fluminense, Niterói, RJ, ano 1, n. 2, p. 1978.
- _____. Crítica Textual: conceito – objeto - finalidade. **Confluência** – Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n. 7, p. 57-63, 1º sem. de 1994.
- SILVEIRA, Sousa da. Prefácio a 1ª. edição de *Princípios de Lingüística Geral*. In CAMARA JR., Joaquim Matoso. **Princípios de lingüística geral** como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1941.
- UCHOA, Carlos Eduardo Falcão. A seleção dos dispersos de Joaquim Matoso Câmara Jr.. In CAMARA JR., J. Matoso. **Dispersos**. Seleção e introdução por Carlos Eduardo F. Uchoa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972. p. XXI-XLIV.